

Capítulo VII – BEM-AVENTURADOS OS POBRES DE ESPÍRITO.

Itens 7 a 10 - Mistérios ocultos aos doutos e prudentes.

Evangelho de Mateus, Capítulo 11: Versículo 25:

“Naquele tempo, Jesus, respondendo, disse:

“Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas dos sábios e inteligentes, e as revelaste aos infantes.”

Relembremos que, para Jesus os pobres de espírito são as **pessoas simples e singelas**, que não possuem ambições mundanas e que já se libertaram das amarras do egoísmo, do orgulho e da vaidade.

Podem ser perfeitamente entendidos como humildes.

O humilde não se comporta como o dono da verdade, pois não tem necessidade de impor suas ideias, embora tenha opiniões próprias.

O humilde quando erra, constata tranquilamente, mais uma vez, a presença das próprias imperfeições. E a todo o momento, dá graças a Deus porque entende que recebe muita misericórdia em sua existência.

Itens 7 a 10 - Mistérios ocultos aos doutos e prudentes.

Na passagem do Evangelho de Mateus, vemos Jesus agradecendo a Deus por haver revelado as Verdades das Suas Leis aos simples e pequeninos, e não aos sábios e inteligentes.

Com esse agradecimento, Jesus mostra o seu reconhecimento quanto a Sabedoria Divina que o mandara para aqueles que tinham as condições necessárias ao aprendizado. Ou seja, para aqueles que, pela simplicidade do seu próprio viver, nas dificuldades do dia a dia, estavam mais amadurecidos para perceberem os valores espirituais.

Os simples e pequeninos, referidos por Jesus, são os que se reconhecem ignorantes, porque sabem que têm muito ainda que aprender e, por isso, estão sempre abertos a novos aprendizados, sabendo ouvir com atenção as ideias dos outros, por que sabem que sempre alguém pode ensinar-lhe algo que desconhecem.

Os que se orgulham do que sabem, geralmente, voltam-se para os valores e prazeres materiais, fechando-se ao que não faz parte do seu cotidiano.

Vivem, então, envolvidos com as coisas materiais, sem ter curiosidade e tempo para tentar conhecer os valores espirituais, por acharem que tudo não passa de superstição.

Por isso, Kardec compara as reações contrárias de muitos às verdades reveladas pelo Espiritismo, com as reações que os orgulhosos e poderosos tiveram diante das verdades trazidas por Jesus.

Os orgulhosos de hoje, como os do passado, pensam que Deus deveria *“dar-se por muito feliz em atraí-los a Si, provando-lhes a sua existência”*, como nos diz Kardec nesse item.

Os orgulhosos fecham os olhos, tapam os ouvidos, fecham-se ao contato com a espiritualidade, buscando somente a realidade material porque é somente ela que lhes fala aos sentidos materiais, esquecidos de que são muito mais que um simples corpo físico.

Sempre que o orgulho quiser “tomar de assalto” o nosso coração, lembremos que há dentro de nós algo muito maior, uma sensibilidade diferente, espiritual, que luta para ser percebida, mas que é sufocada por nós, que ainda estamos perdidos no orgulho e no egoísmo.

O orgulho torna a criatura prisioneira de si mesma, porque se julga autossuficiente com o que tem e com o que pensa ser.

Assim, são os simples e os humildes que se abrem para Deus e se colocam na posição de filhos amados. Imperfeitos moralmente sim, mas esforçando-se para permanecer no caminho traçado por Jesus para toda a Humanidade!

São os simples e humildes que se abrem para os novos aprendizados, sem preconceitos, que buscam respostas às suas indagações sobre o que são, o que fazem neste viver, de onde vieram, para onde vão e como viver melhor consigo e com o próximo.

Observemos atentamente o que Kardec nos diz sobre os incrédulos:

“Não poderia Deus tocá-los pessoalmente, por meio de manifestações retumbantes, diante das quais se inclinassem os mais obstinados incrédulos?”

É fora de dúvida que o poderia; mas, então que mérito teriam eles e, ademais, de que serviria?”

Não se veem todos os dias criaturas que não cedem nem à evidência, chegando até a dizer: “Ainda que eu visse, não acreditaria, porque sei que é impossível?”

Esses, que se negam assim a reconhecer a verdade, é porque ainda não trazem maduro o Espírito para compreendê-la, nem o coração para senti-la.

O orgulho é a catarata que lhes tolda a visão.”

Essa palavras de Kardec nos mostra que o Espírito somente será perfeito e feliz, quando e como quiser, semeando e colhendo, exatamente, segundo o uso que fizer do seu livre- arbítrio.

Kardec explica que o poder de Deus se manifesta em tudo e que Ele não quer abrir à força os olhos de ninguém, porque sabe que ao cego pelo orgulho é agradável e convém manter os olhos fechados às verdades espirituais.

Não podemos esquecer que a justiça e a misericórdia de Deus não abandonam ninguém!

A todos sempre é concedida a oportunidade de aprender e reconhecer que somente o cumprimento das leis divinas nos levará ao alcance da perfeição e da felicidade que nos aguarda junto ao nosso Pai.

E como essa oportunidade nos é dada?

Por meio das infinitas experiências encarnatórias, onde se manifesta a lei de causa e efeito, que dá a cada um segundo suas obras.

Por isso, o reino dos céus é para os que aprenderam amar a Deus e ao próximo, incondicionalmente.

Para finalizar, temos para a nossa reflexão, trechos de uma mensagem de **Emmanuel**, intitulada **“Entendamo-nos”**, e que se encontra no livro **“Fonte Viva**, psicografia de Chico Xavier.

Nessa mensagem, Emmanuel fala da importância de cada um de nós na Criação Divina.

Cada tarefa desempenhada por nós, seja grandiosa ou pequenina, tem o seu valor e que não podemos nos achar melhores do que nenhum dos nossos irmãos.

Vamos ver o que Emmanuel nos diz:

“Não existem tarefas maiores ou menores. Todas são importantes em significação.

Um homem será respeitado pelas leis que implanta, outro será admirado pelos feitos que realiza. Mas o legislador e o herói não alcançariam a evidência em que

se destacam, sem o trabalho humilde do lavrador que semeia o campo e sem o esforço apagado do varredor que contribui para a higiene da via pública. Não te isoles, pois, no orgulho com que te presumes superior aos demais.

A comunidade é um conjunto de serviço, gerando a riqueza da experiência. E não podemos esquecer que a harmonia dessa máquina viva depende de nós.

Quando pudermos distribuir o estímulo do nosso entendimento e de nossa colaboração com todos, respeitando a importância do nosso trabalho e a excelência do serviço dos outros, renovar-se-á a face da Terra, no rumo da felicidade perfeita.

(...)

Amemos a nossa posição na ordem social, por mais singela ou rudimentar, emprestando ao bem, ao progresso e à educação as nossas melhores forças.

(...)

Estendamos nossos braços aos seres que nos cercam e eles nos responderão com o melhor que possuem.

O capital mais precioso da vida é o da boa-vontade. Ponhamo-lo em movimento e a nossa existência será enriquecida de bênçãos e alegrias, hoje e sempre, onde estivermos.”